

O CORPO COMO OUTRO: UMA LEITURA LEVINASIANA NO FITNESS

Fabrizio Boscolo Del Vecchio

Adriano André Maslowski

Universidade Federal de Pelotas

fabricioboscol@gmail.com

Este trabalho realiza análise fenomenológica da cultura contemporânea do fitness à luz da filosofia de Emmanuel Lévinas. Parte-se da observação de um paradoxo característico desse campo, qual seja, a busca por saúde e bem-estar é frequentemente mediada por uma racionalidade técnico-instrumental, marcada pela quantificação do corpo, pela retórica da guerra e por modelos de autoaperfeiçoamento que tratam a corporeidade como objeto de gestão e domínio. Tal racionalidade reduz o corpo a um conjunto de variáveis controláveis e metrificadas, subordinando-o à soberania do “Eu” e inscrito em uma lógica de eficiência, desempenho e visibilidade estética. A investigação se fundamenta nos conceitos levinasianos de “Mesmo”, “Totalidade” e “Rosto”, desenvolvidos em *Totalidade e Infinito*. Examina-se a noção de sensibilidade como fruição, compreendida não como mera função biológica, mas como modo originário de habitar o mundo e de se constituir enquanto sujeito. Fenomenologicamente, o corpo não emerge como máquina a ser modulada, mas como condição de uma relação de satisfação e contentamento com o real. A imposição de uma lógica de guerra sobre a fisiologia contradiz essa estrutura originária da sensibilidade, substituindo o “viver de” por uma relação de combate consigo mesmo. Argumenta-se que a expansão dessa racionalidade autocentrada configura uma “totalidade”, isto é, um sistema fechado que neutraliza a alteridade. A cultura fitness contemporânea participa dessa dinâmica por meio da quantificação incessante do corpo, convertendo a corporeidade viva em objeto visual e mensurável. Essa redução corresponde à primazia de uma visão que objetiva e domina aquilo que aparece, transformando o corpo em “forma plástica” e privando-o de sua expressividade sensível e de sua capacidade de interpelar o sujeito. Contrariamente, sustenta-se que o corpo deve ser compreendido como o “primeiro Outro”. Suas manifestações de vulnerabilidade, como dor, fadiga, envelhecimento e lesão, revelam uma alteridade irreduzível aos projetos do Eu. Fenomenologicamente, tais experiências são interpretadas como análogas à epifania do Rosto em Lévinas: não se trata de um objeto empírico, mas de acontecimento ético que expõe fragilidade e enuncia interdição à violência. Assim, a dor corporal não se resume a um sinal funcional, mas se constitui como interpelação ética que ordena: “não me violentarás”, rompendo a totalidade do domínio e inaugurando a possibilidade de uma relação responsável com a própria corporeidade. Propõe-se a passagem de uma práxis fundada na dominação para uma práxis do cuidado, caracterizada pela escuta sensível, pela valorização da resposta qualitativa e pela centralidade da vulnerabilidade. A ciência do exercício não é rejeitada, mas subordinada a uma ética da responsabilidade, sendo que a atividade física pode ser ressignificada como diálogo e hospitalidade em relação ao corpo, e não como instrumento de conquista. Conclui-se que a abordagem levinasiana oferece modelo alternativo de relação com o corpo, no qual a busca por saúde se articula à responsabilidade ética diante do “Outro” que somos para nós mesmos.

Palavras-chave: Fenomenologia; Corporeidade; Exercício Físico; Fitness.